



**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 41, (Jan/Dez) de 2025
ISSN: 2178-7476



VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS PRESENTES EM CARTAS PESSOAIS: ÊNFASE NA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

LINGUISTIC VARIATIONS PRESENT IN PERSONAL LETTERS: EMPHASIS ON PRONOMINAL PLACEMENT

Bruna Emanuelly Signori
Universidade do Estado de Mato Grosso
Orcid: 0009-0000-2628-3385
E-mail: bruna.signori@unemat.br

Leandra Ines Segnafredo Santos
Universidade do Estado de Mato Grosso
Orcid: 0000-0003-0388-0106
E-mail: leandraines@unemat.br

RESUMO: Este artigo buscou analisar a ocorrência dos usos da ênclide e da próclise em cartas pessoais trocadas entre um casal de namorados dos anos 1990, objetivando a investigação da variação social entre os correspondentes. Ao total, foram analisadas quatro epístolas, duas de cada participante, o número foi determinado devido a quantidade de correspondências que o participante masculino havia escrito, sendo apenas dois relatos escritos. Antes de descrever os resultados encontrados na pesquisa, foi apresentado um panorama a respeito das variações de maneira geral, como a sociolinguística se estabeleceu como teoria e também algumas pesquisas com foco na colocação pronominal e análise de cartas. Recorreu a autores como Labov (2006[1996], 2008), (Coelho et al., 2010), Biazolli (2016), Silva (2002), Sales (2007), dentre outros. Por se tratar de uma análise que busca relacionar o emprego da colocação pronominal de acordo com a variação social dos remetentes, o artigo contribui para os estudos de base sociolinguística, a fim de relacionar as escolhas gramaticais com fatores subjetivos dos correspondentes. A metodologia de análise utilizada foi qualitativa de base interpretativista, com foco na forma e no conteúdo (Flick 2004), (Bardin, 2011), (Miles; Huberman, 2014). A partir das análises foi possível perceber que o único fator variável que teve alguma distinção entre os participantes foi o de sexo, no qual o participante masculino se apropriou mais do uso da ênclide do que a participante feminina. As demais variações sociais não interferem na escrita.

Palavras-chave: Cartas pessoais. Colocação pronominal. Sociolinguística.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the occurrence of the use of enclisis and proclisis in personal letters exchanged between a couple of dating partners in the 1990s, with the objective of investigating social variation between the correspondents. A total of four letters were analyzed—two from each participant—the number being determined by the amount of correspondence written by the male participant, who had written only

two letters. Before presenting the results of the research, an overview was provided regarding linguistic variation in general, how sociolinguistics was established as a theory, and some studies focused on pronominal placement and letter analysis. Authors such as Labov (2006 [1996], 2008), Coelho et al. (2010), Biazolli (2016), Silva (2002), Sales (2007), among others, were referenced. As this is an analysis that seeks to relate the use of pronominal placement to the social variation of the senders, the article contributes to studies grounded in sociolinguistics, aiming to relate grammatical choices to subjective factors of the correspondents. The analytical methodology used was qualitative with an interpretivist basis, focusing on both form and content (Flick, 2004; Bardin, 2011; Miles & Huberman, 2014). From the analyses, it was possible to observe that the only variable factor showing any distinction between participants was gender, in which the male participant used enclisis more frequently than the female participant. Other social variables did not affect the writing.

Keywords: Personal letters. Pronominal placement. Sociolinguistics.

Introdução

Os estudos no campo da sociolinguística iniciaram a partir da necessidade de um olhar mais voltado para a subjetividade dos falantes da língua, para buscar estabelecer relações entre o que é dito em situações e contextos distintos e a diferentes interlocutores. Com esse objetivo em mente, pesquisas de autores como Labov (2006[1966]) contribuíram para compreender os dinamismos que estão por trás das escolhas linguísticas dos falantes, e não se aterem aos estudos da linguagem somente no campo da metalinguagem. (Coelho et al., 2010).

Com base nos estudos sociolinguísticos, este artigo contribui com a análise dos usos dos clíticos (ênclide e próclise) em cartas pessoais, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: Existe alguma relação entre a variação social no gênero textual carta pessoal e a escolha do uso da ênclide e da próclise? Para respondê-la, foi realizada a análise de quatro correspondências escritas entre 1990 e 1991 por um casal, no qual dois dos escritos são do remetente masculino e duas da remetente feminina. Os participantes da pesquisa são conhecidos, e cederam as cartas que guardavam a muitos anos como parte da história de amor do casal para serem analisadas neste artigo.

O objetivo principal consiste em compreender as relações entre as variações linguísticas na escrita de registros epistolares e a escolha entre a próclise e a ênclide. Por explorar esse campo de variação e por tentar estabelecer semelhanças entre o que é externo e interno nas escolhas gramaticais dos participantes, o trabalho se torna relevante não só por contribuir com os estudos sociolinguísticos, mas também por comparar os usos da língua em relação aos fatores de caráter social.

Após essas ponderações iniciais, o artigo ainda conta com uma breve caracterização das variações linguísticas, apresentando a importância de levá-las em consideração nas análises textuais; com uma explicação da colocação pronominal e os seus usos em relação a fala, escrita e a gramática normativa e funcionalista; e por fim, uma breve caracterização de alguns estudos sociolinguísticos já realizados com o gênero textual cartas.

Após a contextualização teórica, o trabalho ainda conta com a seção de metodologia e materiais que visam exemplificar como os dados foram interpretados, e as considerações finais com a apresentação da apuração realizada das análises.

Variações linguísticas - visão geral

Antes de se ater às variações linguísticas que foram utilizadas para este trabalho, faz-se necessário realizar uma breve caracterização a respeito das variações linguísticas de maneira geral, as quais foram estabelecidas ao longo dos estudos na área da sociolinguística.

Para isso, iremos nos ater aos estudos de Labov (2006 [1996], 2008) considerado o fundador dos estudos da sociolinguística com a publicação de sua pesquisa intitulada *The Social Stratification of English in New York City*, que visou investigar os falares dos moradores em relação ao fonema /r/ e a estratificação social dos participantes da pesquisa, e posteriormente seus estudos se voltaram com maior ênfase no que hoje é entendido como a teoria da variação ou mudança linguística.

O trabalho também foi pautado na sociolinguística interacional de Johnstone (2000) e o que também é ressaltado por Eckert (2000) como sendo a 3^a onda da sociolinguística variacionista, porém, com foco na análise qualitativa, no estudo singular, na comunidade de prática e no aprofundamento do resultado, pontos esses que são contrários aos estudos da sociolinguística variacionista da primeira e da segunda onda definidos pela autora.

Pelas relações e interações sociais em relação ao estudo da língua, Labov (1996) partiu de ideias deixados pelas pesquisas de Meillet (1921) apud Calvet (2002, p. 16) que acreditava que “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”.

Dessa forma, de acordo com os estudos em relação à língua, partindo do viés sociolinguístico, postulou-se que a língua é heterogênea, social e variável de acordo com a sua comunidade de fala. Além dessas contribuições, os estudos sociolinguísticos também colaboraram para a definição dos termos variedade, variação, variável e variante, o que fez com que a nova teoria fosse compreendida de forma mais ampla. (Coelho *et al.*, 2010).

Tais postulações fazem distinção entre os níveis de análise internos e externos da língua, que podem ser analisadas de diferentes formas, levando em consideração o caráter da forma temos as variações: lexical, fonológica, morfológica, morfossintática e sintática. E em relação ao conteúdo, pode-se focar na análise da variação do discurso, por exemplo.

Neste estudo, será abordada a variação social ou diastrática que relaciona informações como: sexo, faixa etária, nível de escolaridade etc. como pertinentes em relação às modificações que as questões sociais podem exercer em conformidade às escolhas linguísticas dos falantes. A variável será a colocação pronominal e as variantes que foram percebidas no *corpus* analisado, a saber, a ênclide e a próclise. Sendo assim, o foco estará na variação sintática.

Colocação pronominal - visão geral

Para apresentar uma visão geral a respeito dos estudos sobre a colocação pronominal foi escolhida a tese de doutorado de Biazolli (2016), na qual a autora aborda a história das regras gramaticais normativas e funcionalistas, a respeito do uso da próclise, ênclise e mesóclise, tanto no português brasileiro quanto ao europeu.

Para o leitor ter uma visão panorâmica sobre as suas descobertas serão apresentadas aqui as principais contribuições do estudo. Segundo a autora, a história dos estudos da colocação pronominal na língua portuguesa remonta a debates linguísticos que têm sido objeto de análise e discussão ao longo do tempo. Inicialmente, a norma gramatical prescrevia regras rígidas sobre a colocação dos pronomes átonos em relação aos verbos, como a ênclise, a V1 ou a V2 no português europeu, ressaltando que, V1 indica o (Verbo na posição inicial) e V2 (Verbo em posição não inicial).

Com o passar dos anos, observou-se que a prática linguística variava em diferentes contextos e gêneros textuais, levando a uma compreensão mais ampla e flexível da colocação pronominal. Estudos mais recentes destacam a influência dos gêneros textuais, tanto orais quanto escritos, na escolha entre próclise e ênclise, evidenciando diferenças entre o português europeu e o português brasileiro.

Outras percepções também foram apresentadas em relação ao estudo dos usos reais da colocação pronominal dos falantes da língua falada e escrita e não apenas em estudar o que as gramáticas normativas prescrevem, o que contribui para uma visão mais complementar e abrangente sobre a colocação pronominal no português.

Em relação às regras de uso da ênclise, a autora diz que as ocorrências são mais comuns nos gêneros escritos, como cartas e editoriais. Em construções com o verbo principal no gerúndio ou no particípio, a ênclise ocorre ao verbo auxiliar ou ao verbo principal, seguindo a norma padrão.

Nos gêneros escritos, a ênclise se relaciona de modo expressivo ao segundo verbo, sendo comumente o verbo que domina o pronome sintaticamente. Em geral, a ênclise é produtiva ao verbo auxiliar ou ao verbo principal, exceto diante de operadores típicos de próclise.

Essas regras destacam a preferência pela ênclise em certos contextos e gêneros textuais, evidenciando a influência do estilo e do tipo de texto na escolha da colocação pronominal em português, conforme discutido pela autora no estudo da variação da colocação pronominal entre o português europeu e o português brasileiro.

Por outro lado, em relação ao uso da próclise, segundo a autora, ela é vista de forma mais comum nos gêneros orais, como em entrevistas e noticiários. Em construções com formas gerundivas e participais, a cliticização pronominal ao verbo auxiliar é comum, seguindo a norma padrão.

Nos gêneros orais, a próclise ao segundo verbo é a opção preferida, enquanto nos gêneros escritos, a próclise ao verbo principal pode perder espaço diante de proclisadores tradicionais, como em preposições, que atuam como proclisadores e se vinculam à anteposição do pronome ao

auxiliar. Assim como nos estudos da ocorrência da ênclise, essas regras demonstram a preferência pela próclise em certos contextos e gêneros textuais.

Apresentado um panorama geral a respeito da escolha entre a próclise e a ênclise em relação à língua falada e escrita, agora serão apresentadas as suas ocorrências de acordo com a gramática normativa e funcionalista.

De acordo com a gramática normativa, a colocação pronominal na língua portuguesa se refere às regras estabelecidas para a posição dos pronomes átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes) em relação aos verbos. As principais formas de colocação pronominal são a próclise (colocação do pronome antes do verbo), a ênclise (colocação do pronome depois do verbo) e a mesóclise (colocação do pronome no meio do verbo, que é menos comum e restrita a alguns casos de futuro do presente e futuro do pretérito do modo indicativo).

Conforme as normas gramaticais da língua portuguesa, a próclise é empregada quando há palavras que atraem o pronome oblíquo átono para antes do verbo, como pronomes relativos, advérbios, conjunções subordinativas, palavras de negação, pronomes indefinidos e demonstrativos. É comum em orações subordinadas, interrogativas e exclamativas, entre outros contextos. Exemplo: “Não me diga isso.” (Cunha e Cintra, 2016, p. 324-326).

A ênclise é a colocação do pronome oblíquo átono após o verbo, sendo utilizada, principalmente, quando o verbo inicia a oração e não há palavras atrativas que exijam próclise. Também é comum com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito do indicativo, quando não há elementos que justifiquem a próclise. Exemplo: “Diga-me a verdade.” (Cunha e Cintra, 2016, p. 326-328).

A mesóclise é utilizada quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo e a oração não contém palavras atrativas que exijam a próclise. Nesse caso, o pronome oblíquo átono é inserido no meio do verbo. Exemplo: “Dir-se-á a verdade.” (Cunha e Cintra, 2016, p. 293 e 324).

Em relação ao funcionalismo, porém, há algumas diferenças notáveis, como já se sabe, essa vertente percebe a gramática em relação ao contexto de uso, sendo assim, para definir a colocação pronominal do português, foi levado em consideração a interação entre os elementos da frase e o propósito comunicativo do falante.

Entre as regras básicas de uso da colocação pronominal em relação ao funcionalismo temos: o princípio da Iconicidade: consiste em analisar as relações semânticas entre os elementos da frase. Nele, a próclise pode ser empregada para destacar o pronome como tópico da frase, já em relação a ênclise essa pode representar uma relação mais próxima entre o verbo e pronome. Por exemplo, em “Me diga a verdade” (próclise), o pronome “me” é destacado como tópico da frase, enquanto em “Diga-me a verdade” (ênclise), há uma relação mais estreita entre o pronome e o verbo. (Castilho, 2010; Neves, 1997).

O princípio da economia: como o próprio nome já diz, consiste em buscar formas mais “econômicas” de dizer algo, escolhendo a colocação pronominal que favoreça uma comunicação mais direta, sendo assim, em contextos mais informais se sobressai o uso da próclise. Como no exemplo: “Me diz a verdade” (próclise), a informação é expressa de forma mais direta e eficiente. (Castilho, 2010; Neves, 1997).

E por fim, a última distinção é em relação ao funcionalismo, que diz respeito ao princípio da coesão e coerência, aqui, os usos em relação a ênclise ou a próclise podem ser empregados levando em consideração a ideia que se deseja dar ênfase na frase, da sua organização discursiva ou da estrutura argumentativa do verbo. Como no exemplo: “Ele me disse a verdade” (próclise), há uma relação de continuidade e coesão entre o pronome “me” e o verbo “disse”. (Castilho, 2010; Neves, 1997).

Ao esclarecer as escolhas referentes aos usos da ênclise ou da próclise em relação às gramáticas normativas e funcionalistas e ao gênero a que se refere (escrito) ou (falado), podemos prosseguir com a caracterização do gênero carta que foi escolhido para a realização deste trabalho.

O gênero cartas em pesquisas científicas e a relação semântica que elas empregam

Ao vasculhar a internet é possível encontrar diversas pesquisas que têm o *corpus* de análise, cartas, abordando diferentes temáticas, cartas pessoais (Silva, 2002); (Sales, 2007) cartas de familiares (Borges, 2018), cartas de alunos para professor (Bazarim, 2020) e ao analisar alguns estudos que objetivaram a análise desse gênero textual é possível compreender que a escolha de utilizá-lo pode estar intimamente ligado com o objetivo que o pesquisador deseja alcançar.

Por exemplo, Faraco (2008) argumenta que é na fala onde há um menor monitoramento em relação ao uso da norma padrão, pois ela funciona de forma mais fluída e objetiva, o que muda quando se fala de textos escritos, que são mais monitorados por se levar em consideração que há um tempo maior para o sujeito pensar e refletir a respeito do que será escrito, fazendo uso das escolhas gramaticais mais próximas a norma culta ou padrão.

O fato é, de que em cartas, especificamente as cartas pessoais, na qual existe um destinatário em mente e por se tratar de uma escrita mais “solta”, o falante não irá ficar preso em relação a como escrever, pois, neste caso, o que mais importa é “o que” irá dizer e não o “como”.

Esse é um dos motivos que faz as cartas pessoais possuírem uma amostragem escrita que se aproxima mais da oralidade. Outros pontos positivos de analisá-las, segundo Sales (2007), estão na autenticidade e naturalidade de sua escrita, pois, por se tratar de um texto que é feito pensando em um leitor específico, é possível perceber marcas que expressam essa individualidade e autenticidade da escrita.

Ao trabalhar com cartas também se tem uma alta gama de gêneros textuais como: bilhetes, dedicatórias, poemas etc., o que permite uma análise diversificada e ampla da linguagem. A

contextualização histórica e social também é passível de análise, pois por se tratar de textos pessoais, e sem maiores monitoramentos em relação ao uso da norma padrão, pode haver marcas explícitas de como os indivíduos daquela comunidade e época interagiam entre si.

A variação linguística também pode ser explorada. Ao se analisar cartas é possível verificar as colocações pronominais que os indivíduos utilizavam, por exemplo, questões ligadas à morfossintaxe, fonética e lexical, o que contribui para compreender os fenômenos gramaticais de comunidades de fala e aos contextos socioculturais a qual as correspondências foram escritas.

Por último, mas não menos importante, a intimidade e expressividade podem ser facilmente percebidas, podendo estabelecer relações sintático-semântica entre a forma e o conteúdo presentes nas cartas, pois estão intimamente interligadas com a intimidade e os sentimentos dos escritores.

Devido à riqueza que seus dados são capazes de apresentar, não só no campo da análise gramatical, mas também da análise semântica, são os motivos pelo qual as cartas pessoais foram o gênero escolhido para a análise deste artigo, e serão discutidas de forma mais aprofundada na próxima seção.

Metodologia

A metodologia de análise escolhida foi qualitativa de base interpretativista, com foco na forma e no conteúdo (Flick, 2004; Bardin, 2011; Miles; Huberman, 2014). É preciso salientar que a forma que será objeto de análise é a colocação pronominal, o interesse está em verificar as ocorrências da ênclide e da próclise nas cartas que compõem o *corpus* de análise.

O conteúdo da carta, ou seja, a semântica e a pragmática que compõem a escrita também serão analisados com o objetivo de averiguar se as escolhas em relação a colocação da ênclide ou da próclise tiveram alguma relação com o sentido que os escritores quiseram empregar durante a elaboração das cartas.

Material

Em relação aos materiais, para a realização da análise, foram selecionadas quatro cartas, duas sendo do remetente masculino e duas da remetente feminina. As cartas foram escritas entre os anos de 1990 e 1991.

A seleção foi feita levando em consideração as cartas que possuíam as ocorrências de colocação pronominal, que é o objeto de pesquisa deste trabalho. Foram entregues à pesquisadora um malote com um total de 36 cartas, porém somente três delas eram do remetente masculino, e somente em duas havia a ocorrência da colocação pronominal. Portanto, o *corpus* de análise ficou sendo duas cartas de cada remetente.

A respeito da contextualização histórica das cartas, vale salientar que na época em que foram

escritas a mulher tinha catorze e quinze anos e o homem, dezenove e vinte anos. Naquele tempo os remetentes eram namorados, e estão juntos até o momento da escrita deste artigo. Devido ao fato da faixa etária entre ambos não ser tão expressiva, (apenas seis anos) julgamos que não seria necessário levar a variação da faixa etária em consideração nas análises.

Sobre o local da escrita das cartas: ambas foram escritas na cidade de Sinop, Estado de Mato Grosso, mesma cidade onde a mulher foi nascida e criada. Em relação ao homem, ele nasceu na cidade de São Miguel do Iguaçu no Estado do Paraná, porém mudou-se para Sinop com cinco anos de idade.

Ambos, pertenciam a um nível social de baixa renda, moravam em sítios, Luiz¹ trabalhava na área de exploração de madeira com a família e Dercilei, além de trabalhar em casa, também fazia diárias na casa de uma família que morava mais próxima ao centro da cidade. Em relação ao nível de escolaridade, Dercilei estudou até o nono ano (parou porque não gostava de ir à escola) e Luiz concluiu apenas a quarta série do ensino fundamental (parou porque tinha que trabalhar).

A partir da contextualização da escrita das cartas, na próxima seção, as ocorrências entre a próclise e a ênclise serão analisadas levando em consideração a variação social dos indivíduos, em relação ao gênero, nível de escolaridade e econômico.

Resultados e análise dos dados

Antes de apresentar as análises realizadas e os resultados das ocorrências das colocações pronominais nas cartas selecionadas para a pesquisa, vale ressaltar que as análises foram pautadas com embasamento na gramática de Cunha e Cintra (2017, p. 316-332).

Para uma visualização mais clara das análises, foram elaborados cinco quadros, dois do remetente Luiz e dois da remetente Dercilei e um final com dados complementares dos dois participantes. Dessa forma ficou: Luiz - ênclise, Dercilei - ênclise; Luiz - próclise; Dercilei - próclise, e o quadro final. Logo abaixo, segue o quadro 1 com as análises dos usos da ênclise do participante Luiz.

Quadro 1: Dados referentes à carta de Luiz, acerca do uso de ênclise.

LUIZ - ÊNCLISE	
SENTENÇAS	ANÁLISES
Quando sentir vontade de “sorir”, avise-me , vamos sorrir juntos.	(o uso da ênclise está correto, pois é utilizada quando o verbo está no início da oração ou após pausas).
Quando sentir vontade de amar, chama-me que eu venho amá-la.	(o uso da ênclise está correto, pois é utilizada quando o verbo está no início da oração ou após pausas).

¹ Os participantes da pesquisa permitiram que os seus nomes reais fossem usados na escrita e publicação do artigo, pois os seus nomes também aparecem nas fotografias das cartas que formam o corpus da análise.

Quando sentir vontade de amar, chama-me que eu venho amá-la .	(o uso da ênclise está correto. No caso de “amá-la”, o verbo “amar” está no infinitivo e, nessa forma verbal, a ênclise é frequentemente utilizada, especialmente quando o verbo está precedido por uma forma verbal que indica futuro, como “venho”).)
Quando sentir que está tudo acabado, comunique-me que eu venho ajudar a reconstruir.	(uso correto da ênclise. A ênclise é utilizada quando o verbo está no início da oração ou após pausas. No caso da frase, após a vírgula que separa a oração subordinada adverbial da oração principal, a oração principal começa com o verbo “comunique”).)
Quando sentir que precisa de companhia, naqueles dias nublados e tristes, chama-me .	(uso correto da ênclise. A ênclise é utilizada quando o verbo está no início da oração ou após pausas. No caso da frase, após a vírgula que separa a oração subordinada adverbial da oração principal, a oração principal começa com o verbo “chama”).)
Quando estiver precisando ouvir alguém dizer: “Eu te amo” comunique-me .	(Mesmo caso anterior, uso da ênclise está correto. A ênclise é utilizada quando o verbo está no início da oração ou após pausas. No caso da frase, após a vírgula que separa a oração subordinada adverbial da oração principal, a oração principal começa com o verbo “comunique”).)
Quando sentir que não precisa mais de mim, diga-me pois o meu amor por você é imenso, eterno e, por mais longe que estivermos nunca acabará.	(uso correto da ênclise. Na oração principal, “diga-me”, o verbo “diga” está no início da oração após a vírgula, o que justifica o uso da ênclise. A vírgula após a oração subordinada cria uma pausa, e conforme as regras da gramática de Cunha e Cintra, após essa pausa, é permitido e até preferível o uso da ênclise.)
Foi esperando ver-te chegar que aprendi a esperar pelo meu futuro.	(uso correto da ênclise, quando o verbo principal está no infinitivo, como em “ver-te”, é comum e adequado o uso da ênclise, colocando o pronome átono (nesse caso, “te”) depois do verbo).
Lembre-se que eu estarei sentindo o mesmo.	(uso correto da ênclise, pois não devemos iniciar oração com pronome átono sendo assim, o uso da ênclise está correto).
Lembre-se que de você eu não esqueço por um segundo.	(uso correto da ênclise, pois não devemos iniciar oração com pronome átono sendo assim, o uso da ênclise está correto).
Lembre-se que “tabem” estou aqui vendo o sol se por.	(uso correto da ênclise, pois não devemos iniciar oração com pronome átono sendo assim, o uso da ênclise está correto).
Lembre-se que estarei que você sente “isto pormim” quando eu estou longe.	(uso correto da ênclise, pois não devemos iniciar oração com pronome átono sendo assim, o uso da ênclise está correto).

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar as ocorrências da ênclise nas cartas de Luiz, é possível perceber que em onze das ocasiões que o uso estava correto faziam referência a mesma regra de acordo com a gramática de Cunha e Cintra: “6. Observe-se por fim que, sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a próclise e o verbo, pode ocorrer a ênclise: Pouco depois, detiveram-se de novo. (Ferreira de Castro, OC, 1,403.), (Cunha; Cintra, 2017, p. 327)”.

É importante ressaltar que o nível de escolaridade do participante não é elevado, porém,

isso não impediu que a compreensão dessa regra gramatical fosse internalizada por ele, mesmo que de forma consciente ou não, utilizou-a de maneira adequada.

Em referência ao único uso da ênclise que fugiu à exceção dos demais na frase “Foi esperando **ver-te** chegar que aprendi a esperar pelo meu futuro.” Segundo Cunha e Cintra “1. Nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio pode dar-se: 1.º) Sempre a ênclise a o infinitivo ou ao gerúndio : O roupeiro veio interromper-me. (R. Pompeia, A, 37.). (Cunha; Cintra, 2017, p. 328).

A gramática de Cunha e Cintra também considera a coerência e naturalidade na colocação pronominal. Neste caso específico, “ver-te” soa natural e fluido após a pausa na frase, seguindo as regras gerais de colocação do pronome oblíquo átono. Ao finalizar, podemos perceber que o nível de escolaridade de Luiz não interferiu nos usos adequados da colocação pronominal em relação a gramática normativa.

Quadro 2: Dados referentes à carta de Dercilei, acerca do uso de ênclise.

DERCILEI - ÊNCLISE	
SENTENÇAS	ANÁLISES
Antes de ferir meu coração, lembre-se que você pode estar dentro dele...	(uso correto da ênclise, pois não devemos iniciar uma oração com pronome átono, sendo assim, o uso da ênclise está correto).
E esse calor toma todo meu corpo, envolvendo-o numa forte vibração.	(uso correto da ênclise, pois a locução “envolvendo-o” ocorre após a vírgula que separa a oração anterior. Além disso, o gerúndio “envolvendo” normalmente utiliza a ênclise.)

Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui vemos os usos da ênclise sendo empregados de forma semelhante às ocorrências de Luiz. Na primeira sentença “Antes de ferir meu coração, **lembre-se** que você pode estar dentro dele...” temos o uso da ênclise por se tratar de uma pausa e por estar no início de uma oração, além de que não devemos utilizar a próclise no início de uma sentença.

Na segunda sentença, também temos a outra ocorrência que apareceu na carta de Luiz, na qual temos o emprego da ênclise em um gerúndio, e se enquadra na mesma regra de que em locuções verbais com verbos principais no infinitivo ou gerúndio é necessário utilizar a ênclise.

Quadro 3: Dados referentes à carta de Luiz, acerca do uso de próclise.

LUIZ - PRÓCLISE	
SENTENÇAS	ANÁLISE
Quando você sentir vontade de chorar pode me chamar que eu “vendo” chorar com você.	(uso correto da próclise. Após conjunções subordinativas como “quando”, a próclise é geralmente obrigatória. Assim, o pronome deve vir antes do verbo).

Quando sentir que o mundo é pequeno demais para sua tristeza, não se desespere . Eu irei ajudar você a abrir espaço para a felicidade.	(uso correto da próclise, oração com palavras negativas pedem o uso da próclise)
Quando você não me espera , o sono logo vem.	(uso correto da próclise, pois temos a palavra negativa “não” que atrai a próclise e também uma oração subordinativa iniciada com “quando”)

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos usos da próclise nas cartas de Luiz, foi possível analisar a ocorrência em três sentenças, das quais duas delas fizeram uso da mesma regra gramatical em relação a colocação da próclise sendo esta: “2.º) A próclise ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para anteposição do pronome a um só verbo , isto é: a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa: Tempo que navegaremos Não se pode calcular. (C. Meireles, OP, 141.) (Cunha; Cintra, 2017, p. 328)”.

Portanto, fica claro que a partícula negativa “não” atrai o uso da próclise. A ocorrência que fugiu a essa regra está na sentença: “Quando você sentir vontade de chorar pode **me chamar** que eu “vendo” chorar com você. Nesse caso, a regra é a de que “d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta: Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço. (C. Drummond de Andrade, BV, 20.) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 325)”.

Aqui, o uso do advérbio “quando” na oração subordinada pede o uso da próclise, diferente das outras ocasiões na qual mesmo com o advérbio “quando” empregado na sentença não se fazia necessário o seu uso. Neste caso, porém, a ocorrência está no meio da oração e sem a utilização de vírgula, o que não ocasiona nenhuma pausa entre as orações e não atrai o uso da ênclide.

Mais uma vez, foi possível perceber que, apesar de não ser estudado, o participante utilizou a colocação pronominal de acordo com a gramática normativa.

Quadro 4: Dados referentes à carta de Dercilei, acerca do uso de próclise.

DERCILEI - PRÓCLISE	
SENTENÇAS	ANÁLISES
O tempo passa. E ao passar de cada dia, eu estou te amando mais...	Aqui, ambas as formas (ênclide ou próclise) podem ser utilizadas dependendo do contexto e do estilo, mas a próclise (“te amando”) é a forma mais comum e preferida no português brasileiro em construções de locuções verbais com gerúndio. Portanto, enquanto a ênclide não está incorreta, a próclise é a escolha mais natural e comum.
Isso é o amor que sinto por você meu amor, amor puro que “extravassa” nesta carta “cinsera,” você me quer . Eu também te quero .	As frases “Você me quer” e “Eu também te quero” utilizam a próclise de acordo com as regras descritas por Cunha e Cintra, onde pronomes pessoais (“você”, “eu”) e advérbios (“também”) atraem o pronome átono para antes do verbo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos usos da próclise nas sentenças de Dercilei, na primeira ocorrência “E ao passar de cada dia, eu estou **te amando** mais...” ambas as colocações (ênclide ou próclise) seriam aceitáveis, a ênclide em relação a regra do verbo principal estar empregado no infinitivo ou gerúndio e a utilizarmos.

Em relação à próclise, nesse caso ela é favorecida na construção com locução verbal (estar + gerúndio), especialmente quando há conjunções ou outras estruturas que introduzem a oração e criam um ambiente propício para a próclise. Na frase “E ao passar de cada dia, eu estou te amando mais...”, a conjunção “e” e a locução adverbial “ao passar de cada dia” criam um contexto em que a próclise soa mais natural e correta. Dessa forma, esse caso aproxima-se mais da gramática funcionalista, pois o ambiente é propício ao uso da próclise também.

As outras sentenças que utilizam a próclise, se amparam na mesma regra. De acordo com a gramática de Cunha e Cintra, a colocação pronominal deve seguir certas regras que incluem a atração de pronomes por elementos específicos na frase, sendo obrigatória quando há elementos de atração, como: advérbios, pronomes pessoais e pronomes indefinidos, entre outros.

No caso das sentenças “você **me quer**. Eu também **te quero**”, o pronome pessoal “você” e o advérbio também atraem o uso da próclise.

Quadro 5: Usos da ênclide e da próclise de acordo com a norma padrão.

Participantes	Usos da ênclide	De acordo com a norma padrão	Com desvio da norma padrão	Usos da próclise	De acordo com a norma padrão	Com desvio da norma padrão
Luiz	12	12	0	3	3	0
Dercilei	2	2	0	3	3	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste quadro, podemos visualizar a quantidade de ocorrências entre a ênclide e a próclise nas cartas dos participantes da pesquisa, fica notável que houve a predominância do uso da ênclide nas cartas de Luiz em relação a Dercilei, e os casos da próclise foram iguais para ambos os participantes.

Considerações finais

Entre as conclusões que chegamos ao final da pesquisa, é notável perceber que a variação em relação ao nível de escolaridade dos participantes não teve nenhuma interferência na colocação pronominal utilizada por eles. E que, seguindo a lógica da estrutura da língua, eles conseguiram empregar a ênclide e a próclise de acordo com a norma padrão, sem maiores dificuldades.

Em relação a variação de gênero, a única distinção apresentada foi em relação ao uso da ênclide, que foi utilizada de forma mais expressiva pelo participante masculino. Em relação à preferência entre a ênclide e a próclise foi possível constatar o que afirmou Biazolli (2016) a respeito

da preferência do uso da ênclise em gêneros escritos, que ficou aparente principalmente nas escolhas do participante Luiz.

Em relação ao nível econômico, como ambos pertencem à mesma classe social, pode-se dizer que também não foi um fator que interferiu no emprego da colocação pronominal. A respeito dos usos de acordo com a norma padrão, ambos conseguiram utilizar a ênclise e a próclise de acordo com o que é prescrito nas gramáticas. Sendo assim, o fator da variação social não interferiu de forma significativa na escrita das cartas dos participantes da pesquisa. E que de maneira “instintiva”, por assim dizer, como falantes nativos da língua portuguesa eles conseguiram utilizar a colocação pronominal de acordo com as normas mesmo sem ter conhecimento profundo sobre elas.

A partir dos resultados, foi possível perceber que a variação mesmo quando não evidenciada de forma direta na elaboração de textos, ainda sim é um campo que vale a reflexão, pois até mesmo a sua ausência ainda nos revela algo.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/40820250/BARDIN_L_1977_An%C3%A1lise_de_conte%C3%BAdo_Lisboa_edi%C3%A7%C3%B5es_70_225 Acesso em: 12/05/2024

BAZARIM, Milene; EVARISTO, Ana. *A apropriação de recursos linguístico-discursivos necessários à interação via carta: um estudo de caso em linguística aplicada*. *Work. Pap. Linguist.* 21(2), Florianópolis, mai/ago, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/74879> Acesso em: 12/05/2024

BIAZOLLI, Caroline Carnielli. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Araraquara, 2016.

BORGES, Gilca; TIMBANE, Alexandre. *As marcas de língua falada em cartas de família dos anos 60: perspectiva filológica e sociocultural*. Afluente, UFMA/Campus III, v. 3, n. 7, p. 206-223, jan./abr. 2018. ISSN 2525-344. Disponível em: https://www.academia.edu/66509189/As_Marcas_De_L%C3%ADngua_Falada_Em_Cartas_De_Fam%C3%ADlia_Dos_Anos_60_Perspectiva_Filo%C3%BDcica_e_Sociocultural Acesso em: 13/05/2024

CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português culto falado no Brasil: colocação pronominal*. São Paulo: Contexto, 2010.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. Disponível em: <https://livrariapublica.com.br/livros/sociolinguistica-uma-introducao-critica-na-ponta-da-lingua-livro-4-louis-jean-calvet/> Acesso em: 13/05/2024

COELHO, Izete et al. *Sociolinguística – Florianópolis*: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf Acesso em: 13/05/2024

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016. 762 p. Disponível em: <https://archive.org/details/cunha-2017-nova-gramatica-do-portugues-contemporaneo> Acesso em: 13/05/2024

FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FLICK, Uwe. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

JOHNSTONE, B. *Qualitative methods in sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2000.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. 2ª edição ampliada. Cambridge: University Press, 2006[1966].

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILES, M. B., Huberman, A. M., & Saldana, J. *Qualitative data analysis: A methods sourcebook* 3rd ed. Thousand Oaks: SAGE, 2014.

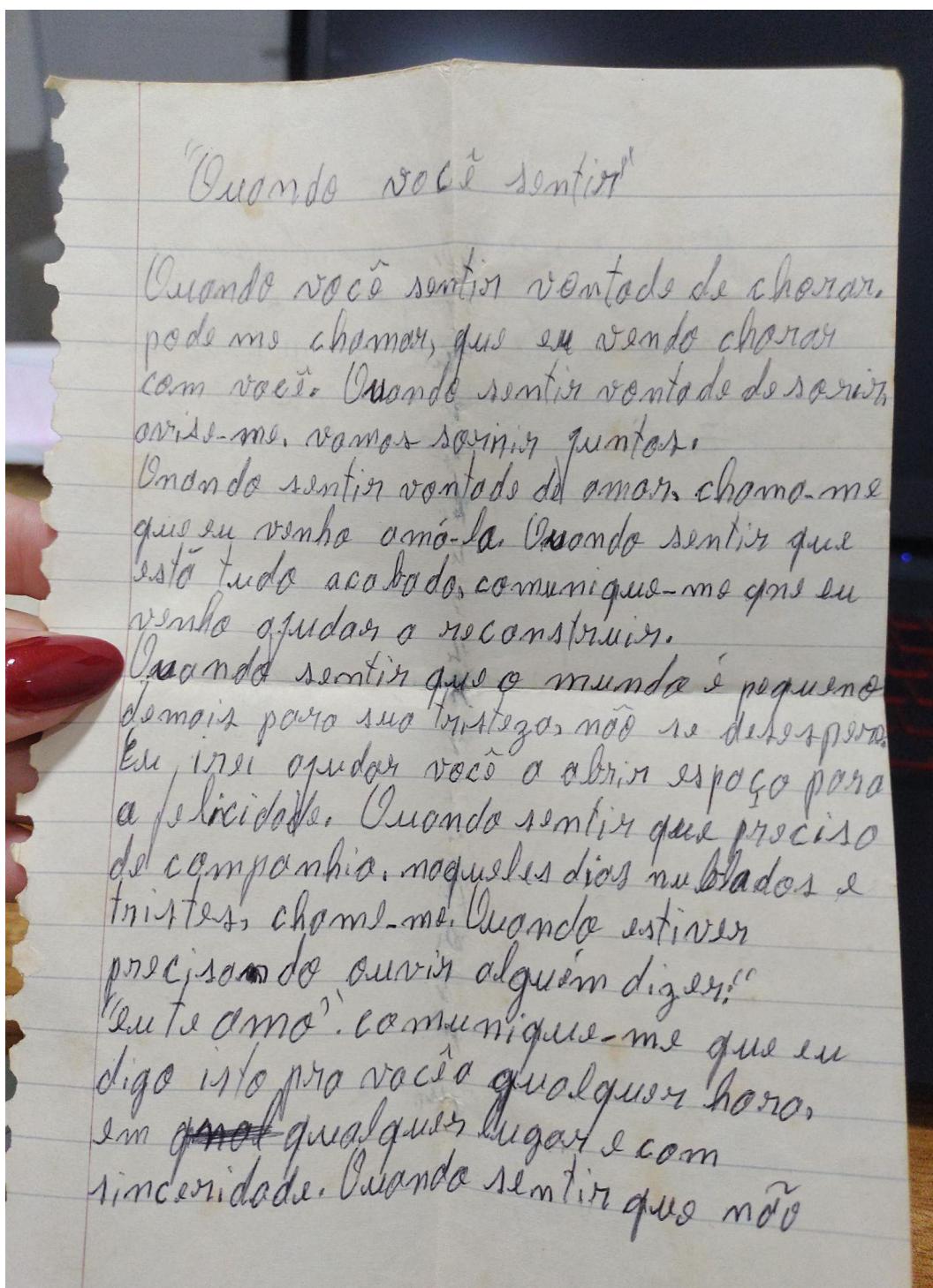
NETO, Jorge Borges. *O empreendimento gerativo*. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 3, São Paulo: Cortez, 2001. p. 92-129.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALES, Iraildes. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2007

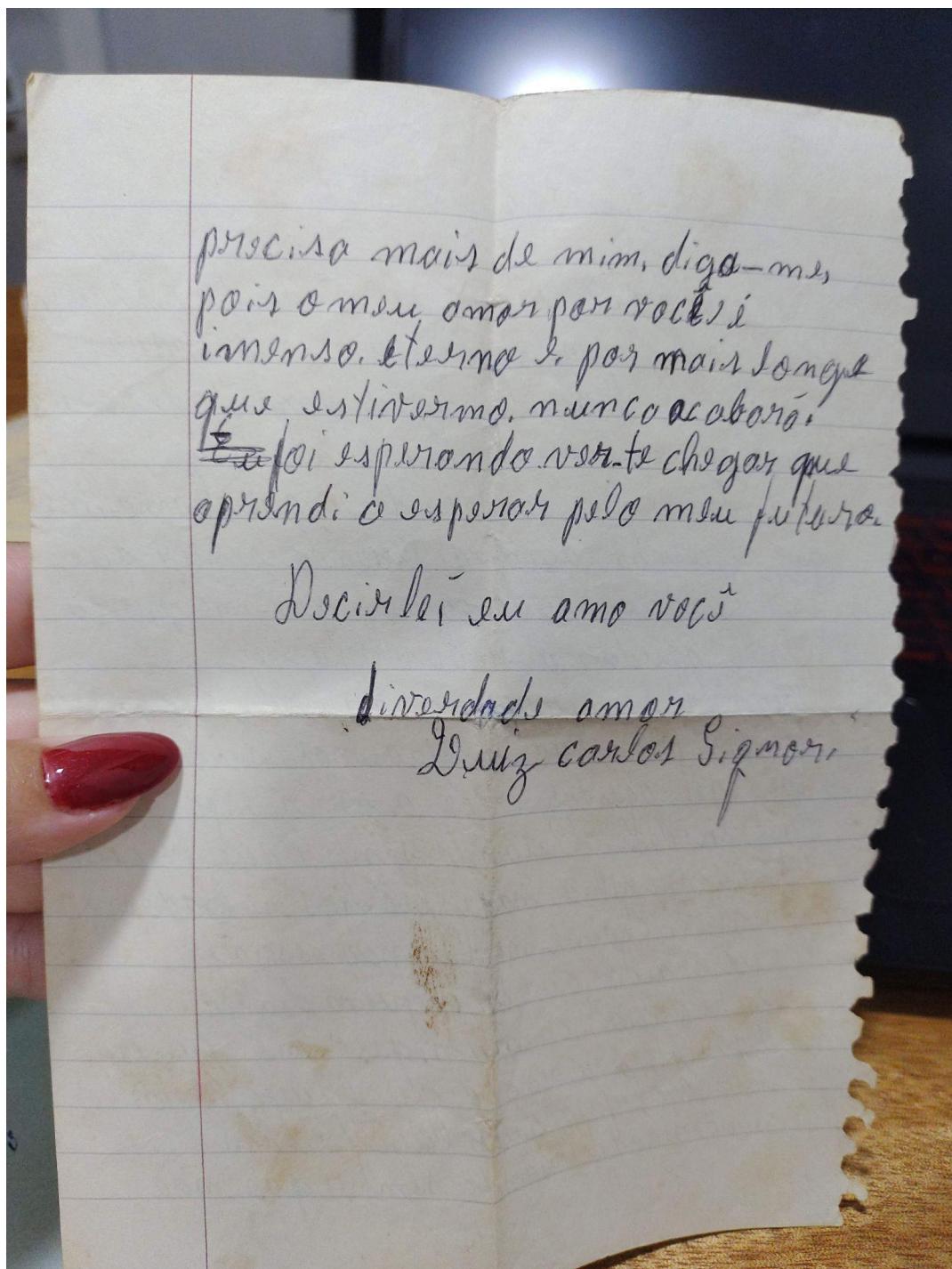
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

SILVA, Jane. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

Anexos**Anexo 1 - 1º carta Luiz, frente**

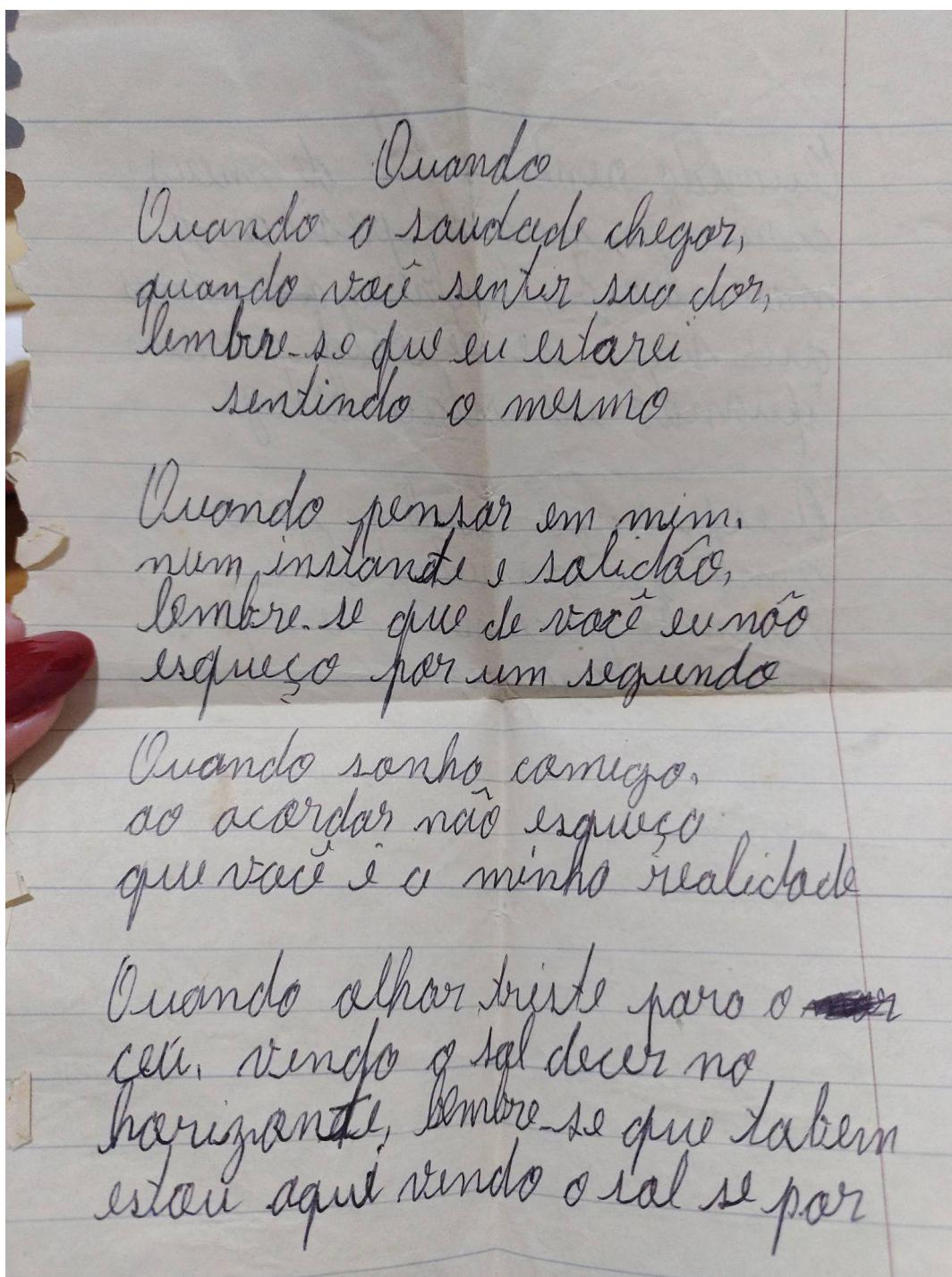
Fonte: Elaboração própria.

Anexo 2 - 1º carta Luiz, verso



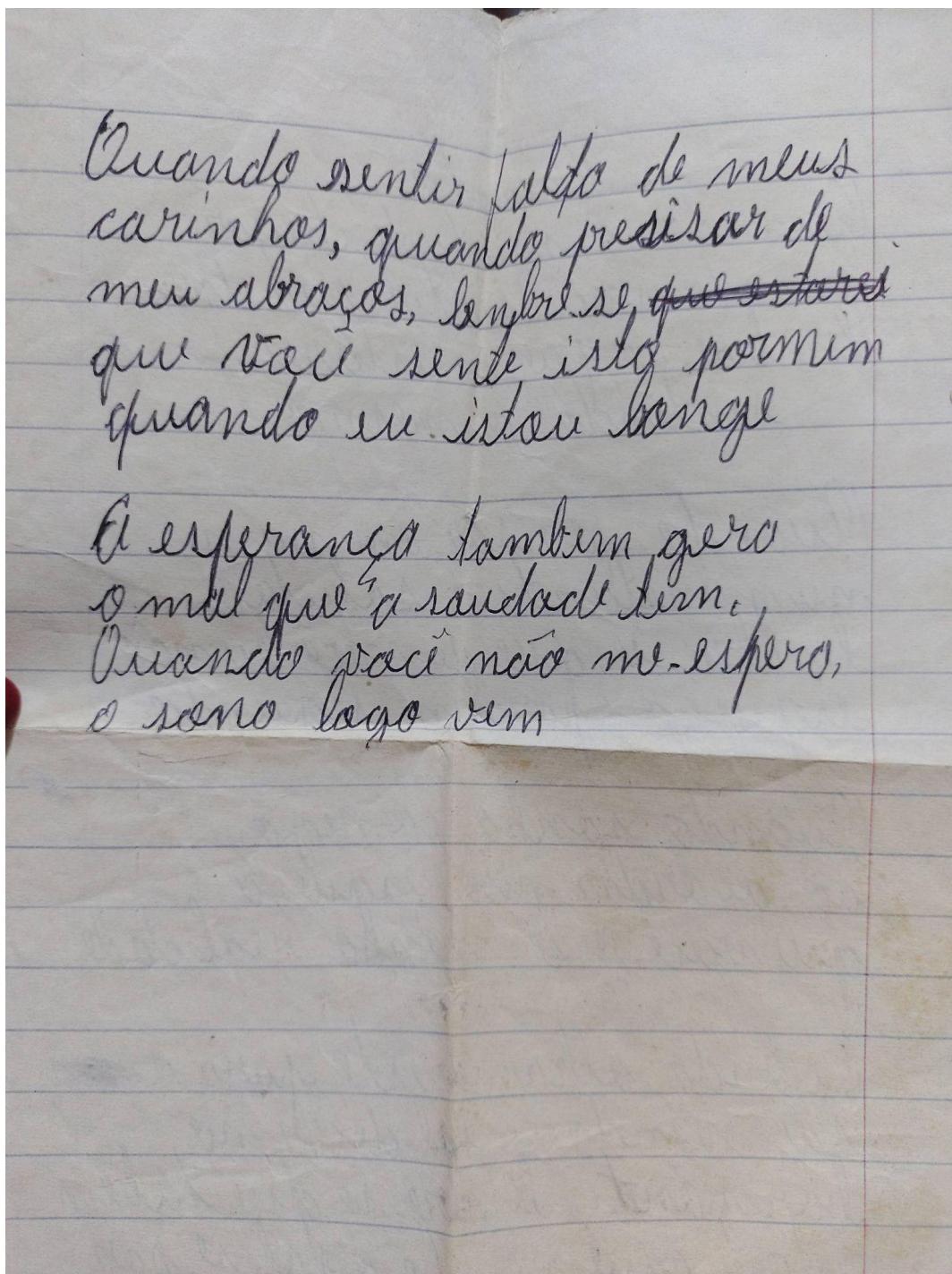
Fonte: Elaboração própria.

Anexo 3 - 2º carta Luiz, frente



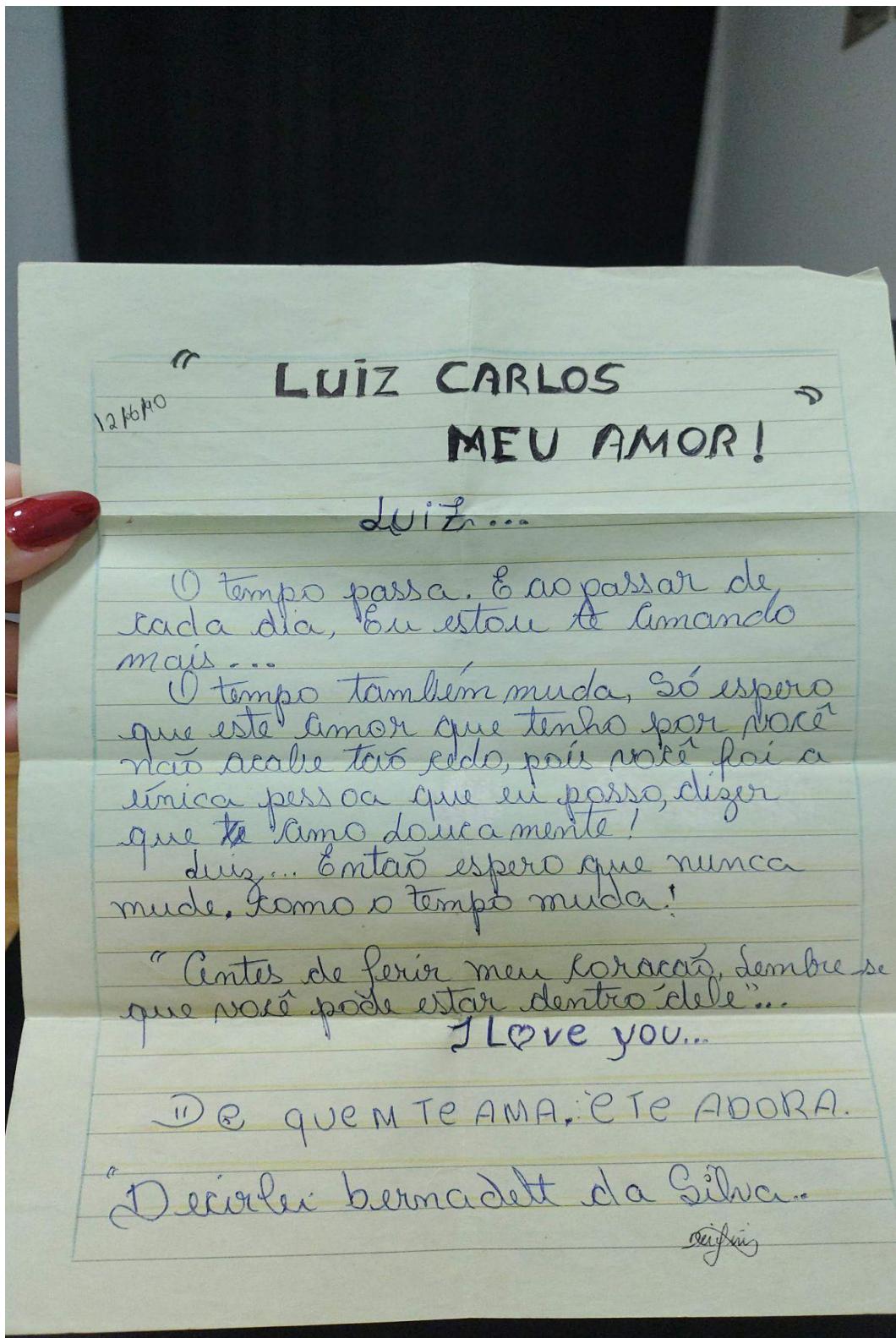
Fonte: Elaboração própria.

Anexo 4 - 2º carta Luiz, verso



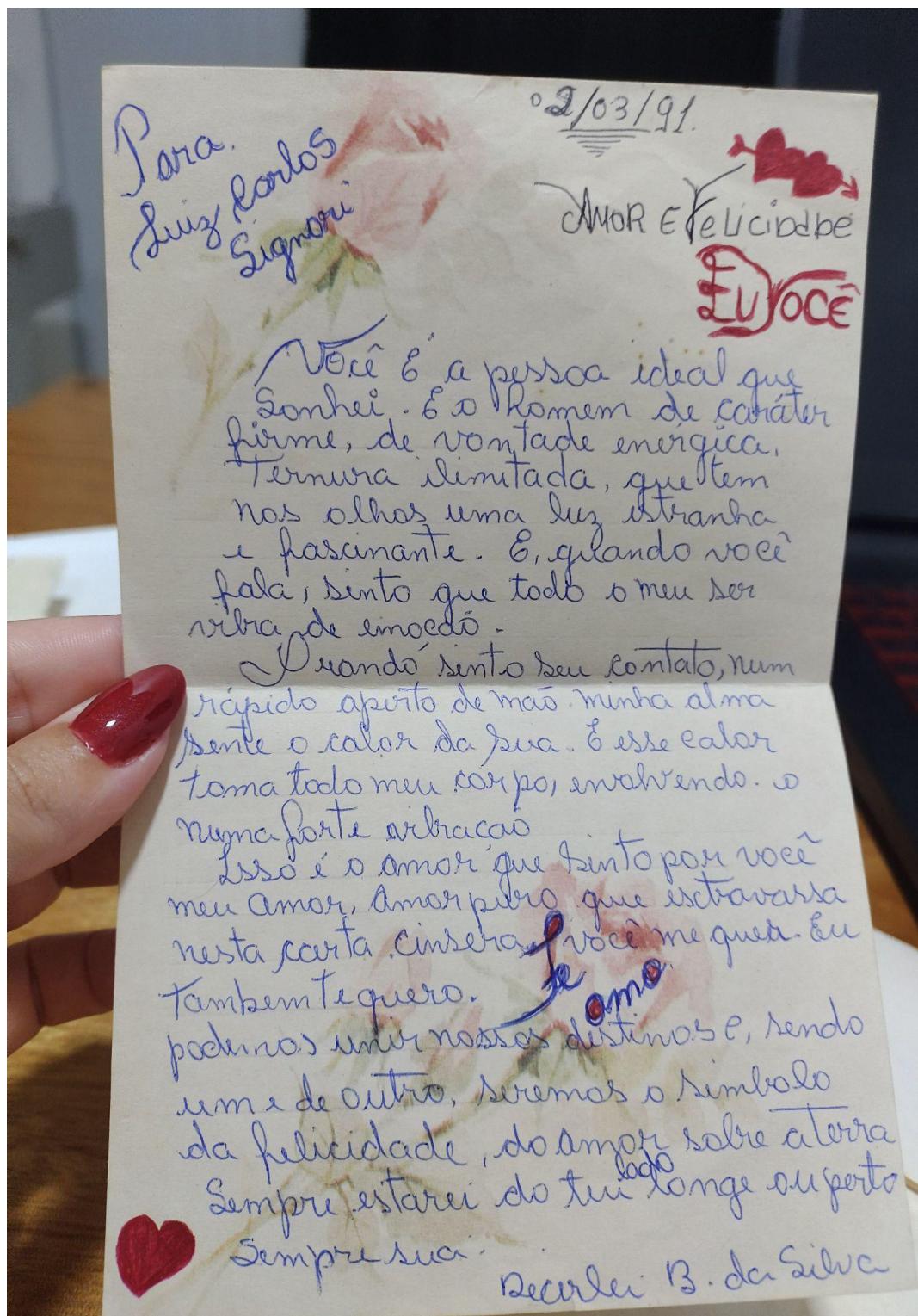
Fonte: Elaboração própria.

Anexo 5 - 1º carta Dercilei



Fonte: Elaboração própria.

Anexo 6 - 2º carta Dercilei



Fonte: Elaboração própria.

Recebido em 09 de junho de 2025

Aceito em 01 de julho de 2025

Publicado em 10 de julho de 2025